

jornal da tarde

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Coetaneu Alves, 55, tel.: 856-2122 (PA)



JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANC
(1927 - 1969)

Ou o Brasil mata ela ou ela mata o Brasil

Quando ficou decidido que se iria eleger uma Assembléia Nacional Constituinte e começaram a surgir as pesquisas de opinião pública para saber o que o povo brasileiro esperava dela, tornou-se absolutamente claro que a imensa maioria de brasileiros e brasileiras não tinham a menor noção do que se tratava. Mais de noventa por cento dos interrogados não sabiam o que é uma Assembléia Constituinte e muito menos o que deve ser uma Constituição. Isso não impediu que grande número de lideranças políticas e sociais iniciassem uma campanha de mobilização dos mais diversos segmentos da sociedade para que participassem o mais ativamente possível na elaboração da nova Carta Magna. Começou, desde então, a delinear-se o perigo de que os trabalhos da Constituinte passassem a ser conduzidos a partir da ilusão de que uma nova Constituição poderia ser a nova Maravilha Curativa capaz de curar, da noite para o dia, todos os males que afligem a sociedade brasileira.

Na verdade, com a escassa noção que tinha do que estava em jogo, o povo brasileiro, na sua imensa maioria, nunca acreditou nisso, mesmo porque, nunca tomou muito conhecimento do andamento dos trabalhos constituintes.

O mesmo não se pode dizer de numerosos segmentos corporativos do organismo social nacional, cujas lideranças, cada uma no seu estilo e de acordo com sua capacidade de pressionar, aproveitou a evidente inconsistência ética e ideológica da massa de políticos eleitos com o fim de elaborar a nova Constituição para tentar enfiar na nova Carta Magna algum dispositivo que representasse o atendimento de alguma reivindicação da respectiva corporação, utilizando para isso todos os meios de pressão disponíveis, na maioria das vezes com sucesso total.

Os constituintes, infelizmente, na sua imensa maioria, em nenhum momento procuraram esclarecer aqueles que os pressionavam sobre as verdadeiras finalidades de qualquer Constituição em qualquer país civilizado. Pelo contrário; a idéia de que a nova Constituição é uma espécie de Maravilha Curativa acabou presidindo o espetáculo, uma vez que, com as brilhantes exceções que sempre costumam confirmar a regra, os nossos constituintes estiveram durante todo o tempo dos seus trabalhos precipuamente preocupados com aumentar o seu patrimônio eleitoral. Por isso o que produziram é tudo, menos uma Constituição. O texto que passa agora a aguardar um segundo turno de votação, no qual, dadas as normas regimentais, é muito pouco provável que algo realmente fundamental seja alterado, é um amontoado desconcatenado de disposições legais casuísticas, próprias de legislação ordinária, destinada a atender a interesses circunstanciais de grupos corporativos, voltado precipuamente para a correção de erros e injustiças — reais ou supostos — do passado, e fechando ao Brasil, em função de ultrapassados preconceitos nacionalistas ou "ideológicos", ou, ainda, de simples e insuperáveis deficiências culturais, os amplos caminhos que a nova configuração da economia internacional abriu para que qualquer país racionalmente dirigido se liberte rapidamente das servidões econômicas e sociais.

Deus criou o mundo em seis dias a partir do Caos. No sétimo descansou. Os constituintes brasileiros, em cinco meses e alguns dias de votação, ~~criaram~~ ~~o~~ ~~caos~~ — pelo menos no papel — a partir de um Brasil com todas as condições econômicas para ser ordenado institucionalmente como uma nação politicamente civilizada. E não descansarão. Haverá agora o segundo turno, no qual, como dissemos, dadas as condições regimentais, será muito difícil corrigir os piores desastros.

O deputado Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, comemorando com alegria esfuziante o encerramento do primeiro turno de votação, exclamou: "Este é o momento culminante da minha vida política. Tenho orgulho de presidir brasileiros dessa qualidade moral. Viva o Brasil com representantes dessa grandeza!"

Essa é uma opinião, no mínimo, discutível. Quanto à grandeza do golpe que eles aplicaram a todos os brasileiros, inclusive os que nunca se indostaram ou que já pagaram suas dívidas, para supostamente beneficiar alguns brasileiros, é uma realidade matemática: 516 bilhões de cruzados, a preços de junho, assim divididos: 322 bilhões de anistia aos microempresários e produtores rurais; 145 bilhões de anistia de juros e multas para quem deve à Receita; 49 bilhões de demarcação de áreas rurais, e 75 milhões para reenquadrar os demitidos por motivos políticos. Esta é a conta já "fechada", é bom notar.

Além dela virão as outras: da correção monetária das pensões de 12 milhões de aposentados, da aposentadoria "precoce" para mulheres, do salário mínimo para deficientes físicos e velhos que não podem trabalhar etc. etc. e tal. Tudo isso para um Estado que já se admite falido pagar.

Se os "representantes dessa grandeza" tivessem, pelo menos, legislado com a inteligência requerida para permitir que a economia brasileira pudesse expandir-se rapidamente como permitem as suas formidáveis potencialidades naturais, seria talvez possível absorver toda a enormidade dessas prodigalidades impunemente. Mas a burrice e a irresponsabilidade não foram setoriais: foram amplas, totais e irrestritas. Assim é que todas as disposições foram criadas para onerar os encargos financeiros das empresas nacionais e para desencorajar qualquer investidor que não seja maluco, seja ele o País ou estrangeiro a investir no Brasil, e para que o País se mantenha "imunizado" contra os progressos da tecnologia de ponta, o que talvez explique por que o intrépido presidente Sarney esteja agora confabulando com os chineses para fazer com eles uma santa aliança, à qual poderão aderir amanhã a Namíbia, Angola e Moçambique para criar um bloco tecnológico capaz de acabar com a hegemonia do Japão e dos Estados Unidos nesse campo...

A Constituição que os representantes dessa grandeza acabam de votar em primeiro turno pode ser chamada de constituição saúva. Com dizia o slogan do famoso Formicida Tatu, ou o Brasil mata ela ou ela mata o Brasil.

No prefácio do 1º volume sobre a revolução francesa da sua obra intitulada *Les Origines de la France Contemporaine*, o grande historiador francês Hippolyte Taine escrevia nos meados do século passado: "Esta segunda parte de *As Origens da França Contemporânea* terá dois volumes. — As insurreições populares e as leis da Assembléia Constituinte (grifo nosso) acabam por destruir na França todo governo: é o assunto deste volume. — Um partido se forma sobre a assunto de doutrina extremada, toma o poder e o exerce de acordo com a sua doutrina: esse é o assunto do próximo volume".

O partido a que Taine se refere era o Partido Jacobino, que poria a guilhotina a funcionar.

A leitura do volume que descreve como foram feitas as leis pela Assembléia Constituinte de 1789 parece uma crônica do que acabamos de assistir na nossa Assembléia Constituinte.

Nada indica, por enquanto, que estejamos ameaçados por algum Partido Jacobino.

Em compensação, tudo indica que o Sílvio Santos vem aí, cavalgando o nojo do povo brasileiro diante do comportamento de suas "lideranças" políticas. Se ele conseguir enriquecer esse povo brasileiro tão rapidamente quanto se enriqueceu à custa da ingenuidade das suas camadas mais humildes, tudo bem.

A felicidade sairá do seu baú e como uma bolada federal será distribuída com justiça para nenhum brasileiro botar defeito.

Todo o poder ao Senhor!